

# PEER INSTRUCTION NO CONTEXTO HÍBRIDO E DIGITAL COMO ESTRATÉGIA DE MEDIAÇÃO COLABORATIVA

## PEER INSTRUCTION IN A HYBRID AND DIGITAL CONTEXT AS A COLLABORATIVE MEDIATION STRATEGY

Jailton Pereira Nicácio<sup>1</sup>

Joseilson Trajano de Souza<sup>2</sup>

Josenete Trajano de Souza<sup>3</sup>

Jonatha Lisboa Galvão do Nascimento<sup>4</sup>

Kelsin Modesto Favacho<sup>5</sup>

Lucia Helena de Paula Modesto Favacho<sup>6</sup>

Marielza Santos do Nascimento<sup>7</sup>

Mayara Campos Rodrigues<sup>8</sup>

Sérgio Ricardo Pereira Accioly<sup>9</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo analisar as possibilidades e os limites da aplicação do Peer Instruction no contexto híbrido contemporâneo, considerando implicações pedagógicas,

---

1 Doutorando em Administração Pública com ênfase em Gestão Governamental, Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0445-994X>

2 Graduação em letras na UEPB

3 Mestranda em Tecnologias emergentes pela Must

4 Doutor em educação pela Uninter

5 Mestre em Ciência da Educação pela Uninter

6 Mestre em Ciência da Educação pela Uninter

7 Doutorado em Ciências Contábeis e Administração, Fucape Pesquisa e Ensino S.A., Vitória, Brasil, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4604-6667>

8 Mestrado em mestrado pela Universidade Privada Del Este (UPE), Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2470-1736>

9 Mestre em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas /Unima Afya

tecnológicas e avaliativas. A pesquisa, de natureza bibliográfica, envolveu levantamento sistemático de artigos científicos, capítulos de livros e ensaios críticos publicados em periódicos especializados e repositórios digitais. Essa seleção priorizou estudos que abordam a integração de recursos interativos, os critérios de validação do conhecimento produzido entre pares e os tensionamentos relacionados à autonomia discente e à cultura de desempenho. A incorporação dessa abordagem colaborativa tem se consolidado como proposta inovadora capaz de deslocar a centralidade docente e estimular processos de aprendizagem mais participativos. No entanto, a implementação em ambientes digitais e híbridos evidencia contradições entre potencial formativo e riscos de superficialização dos debates. Aspectos como a personalização do feedback, a qualidade das interações e a legitimação dos saberes construídos coletivamente aparecem como desafios que demandam intencionalidade pedagógica e clareza de objetivos. A reflexão apresentada considera que nenhuma metodologia é neutra: escolhas sobre plataformas, critérios de avaliação e modos de engajamento configuram disputas simbólicas e tensionam valores institucionais. O estudo propõe compreender o ensino por instrução entre pares como possibilidade de ampliação da autoria discente, desde que ancorado em referenciais éticos, práticas sensíveis e abertura a revisões permanentes.

**Palavras-Chave:** Peer Instruction. Autonomia. Colaboração. Educação Digital. Mediação.

**Abstract:** The present study aims to analyze the possibilities and limits of applying Peer Instruction in the contemporary hybrid context, considering pedagogical, technological and evaluative implications. The research, of a bibliographic nature, involved a systematic survey of scientific articles, book chapters and critical essays published in specialized journals and digital repositories. This selection prioritized studies that address the integration of interactive resources, the criteria for validating knowledge produced between peers and the tensions related to student autonomy and the culture of performance. The incorporation of this collaborative approach has been consolidated as an innovative proposal capable of shifting the teaching focus and stimulating more participatory learning processes.

However, implementation in digital and hybrid environments highlights contradictions between formative potential and risks of superficializing debates. Aspects such as personalized feedback, the quality of interactions and the legitimization of collectively constructed knowledge appear as challenges that demand pedagogical intentionality and clarity of objectives. The reflection presented considers that no methodology is neutral: choices about platforms, evaluation criteria and modes of engagement configure symbolic disputes and tension institutional values. The study proposes understanding teaching through peer instruction as a possibility of expanding student authorship, if it is anchored in ethical references, sensitive practices and openness to ongoing revisions.

**Keywords:** Peer Instruction. Autonomy. Collaboration. Digital Education. Mediation.

## Introdução

A emergência de metodologias ativas tem remodelado concepções tradicionais de ensino, convertendo o espaço escolar em território mais permeável à autoria discente e à corresponsabilidade. Entre essas metodologias, o Peer Instruction destaca-se por articular interação constante e reflexão compartilhada. Diferente de modelos centrados exclusivamente na transmissão de conteúdos, essa abordagem convoca o estudante a assumir o papel de interlocutor qualificado, instaurando novas dinâmicas de legitimação do conhecimento.

Nos ambientes híbridos e online, a aplicação do Peer Instruction evidencia potencialidades singulares, mas também revela contradições que se manifestam na relação entre autonomia e dependência tecnológica. A combinação de recursos síncronos e assíncronos amplia repertórios comunicativos, ao mesmo tempo em que pode reforçar desigualdades de acesso e engajamento. Tal ambivalência convida educadores a uma postura crítica e sensível frente às escolhas metodológicas que estruturam a experiência formativa.

O presente estudo tem como objetivo analisar as possibilidades e os limites da aplicação

do Peer Instruction no contexto híbrido contemporâneo, considerando implicações pedagógicas, tecnológicas e avaliativas. A pesquisa, de natureza bibliográfica, envolveu levantamento sistemático de artigos científicos, capítulos de livros e ensaios críticos publicados em periódicos especializados e repositórios digitais. Essa seleção priorizou estudos que abordam a integração de recursos interativos, os critérios de validação do conhecimento produzido entre pares e os tensionamentos relacionados à autonomia discente e à cultura de desempenho.

Sob essa perspectiva, refletir sobre a implementação do modelo em cenários conectados implica reconhecer disputas por sentidos que atravessam políticas educacionais e pactos formativos. Não se trata de adotar recursos interativos como soluções prontas, mas de situá-los em projetos pedagógicos que legitimem trajetórias diversas e promovam experiências compartilhadas. A qualidade do processo depende da intencionalidade que orienta cada decisão curricular.

Diversos estudos apontam que, embora o Peer Instruction proporcione ganhos em participação e retenção, ele exige reconfiguração das práticas avaliativas e da temporalidade da aprendizagem. O tempo necessário para que debates se consolidem pode conflitar com pressões institucionais que priorizam resultados imediatos. Nesse movimento, surgem dilemas éticos sobre como equilibrar eficiência e cuidado na mediação docente.

A pluralidade de plataformas digitais disponíveis para sustentar a instrução entre pares evidencia outro ponto de atenção: a necessidade de promover criticidade no uso dos recursos. Quando a cultura de desempenho prevalece, existe o risco de reduzir interações a formalidades pouco significativas. A mediação sensível, nesse horizonte, torna-se elemento estruturante capaz de transformar atividades em espaços de implicação subjetiva e construção coletiva de sentido.

Para aprofundar essas discussões, este trabalho organiza-se em duas partes. Inicialmente, examinam-se os fundamentos conceituais e os recursos digitais mobilizados na estruturação do Peer Instruction. Na sequência, discute-se a autonomia discente, os desafios avaliativos e os critérios de legitimação do conhecimento em contextos híbridos e online.

## Fundamentos Conceituais e Recursos Digitais na Organização do Peer Instruction

A consolidação do Peer Instruction como estratégia pedagógica articula dimensões históricas e culturais que deslocam a centralidade do docente transmissor para o papel de mediador crítico. Ao priorizar a construção coletiva do conhecimento, essa abordagem se apoia na criação de espaços interativos que estimulam participação ativa e validação compartilhada de ideias. A incorporação de dispositivos digitais potencializa o alcance dessas propostas, mas também traz desafios relacionados à adequação metodológica, à infraestrutura e à formação docente consistente.

Mazur (2015, p. 42) destaca que “o Peer Instruction redefine o espaço da aula, convertendo-o em território de diálogo contínuo e reflexão colaborativa”. Essa concepção rompe com o modelo tradicional de exposição linear, convidando os estudantes a assumir papéis protagonistas. Ao utilizarem plataformas online, grupos podem discutir concepções, confrontar argumentos e amadurecer hipóteses em tempo real. Contudo, a eficácia depende de práticas que articulem rigor conceitual, planejamento e atenção às singularidades formativas.

Na perspectiva do design instrucional, a seleção de recursos digitais envolve decisões sobre acessibilidade, compatibilidade tecnológica e pertinência pedagógica. Plataformas de votação, fóruns online e sistemas de feedback imediato tornam-se instrumentos capazes de dinamizar interações entre pares, desde que empregados como extensões de objetivos claramente definidos. A utilização indiscriminada de ferramentas, desprovida de sentido formativo, tende a reforçar desigualdades de participação e gerar superficialidade na experiência de aprendizagem.

Munhoz (2019) observa que a aprendizagem ativa mediada por tecnologias demanda “critérios claros de integração entre conteúdo e experiência digital, para não reduzir o processo a um uso instrumental desconectado de propósitos formativos”. Essa reflexão evidencia que a qualidade de estratégias interativas não depende apenas de recursos inovadores, mas de uma matriz pedagógica que sustente decisões com base em princípios éticos e cognitivos. O planejamento intencional fortalece aprendizagens contextualizadas.

Nesse sentido, planejar sessões que combinem momentos presenciais e dinâmicas online envolve alinhar etapas: apresentação de questões desafiadoras, reflexão individual e discussão coletiva mediada pelo professor. Os ambientes virtuais tornam-se apoio, mas não substituem a escuta sensível que sustenta a construção de sentido. A clareza dos propósitos, a definição de expectativas e a valorização das percepções discentes compõem o alicerce metodológico necessário à consolidação da prática.

Mazur (2015) reforça que o papel do docente na aprendizagem ativa não é resolver todas as dúvidas, mas provocar questões que instiguem a autonomia intelectual. Essa postura requer domínio dos conteúdos e habilidade para conduzir debates em múltiplos formatos, seja presencial, seja online. O uso de dispositivos digitais, ao favorecer interações instantâneas, amplia oportunidades de participação, mas também exige atenção aos limites técnicos e ao risco de dispersão informacional.

Sob essa ótica, a intencionalidade pedagógica torna-se critério indispensável. Quando a tecnologia é introduzida como resposta automática à demanda por inovação, surge o risco de criar dependência instrumental que fragiliza o propósito emancipador. Os ambientes online devem ser incorporados como espaços de experimentação crítica, e não como vitrines de performance técnica. Assim, o planejamento passa a contemplar tanto objetivos cognitivos quanto condições afetivas e relacionais.

Munhoz (2019, p. 88) aponta que “a mediação docente em contextos digitais exige capacidade de manter coesão entre tarefas, debates e momentos de síntese conceitual”. Esse aspecto é decisivo para evitar que metodologias participativas sejam confundidas com estratégias de checagem superficial. A mediação rigorosa e reflexiva permite ressignificar conteúdos e valorizar percursos individuais.

### **Quando bem estruturada, a prática amplia repertórios e fomenta atitudes investigativas.**

Em meio às transformações da cultura digital, o Peer Instruction desponta como possibilidade de democratizar o acesso ao conhecimento e ampliar a construção de saberes partilhados. Para que

essa potencialidade se realize, torna-se essencial que professores cultivem disposição para revisar concepções e adotar métodos dialógicos. A formação continuada, aliada a práticas colaborativas, fortalece condições institucionais mais favoráveis à consolidação de estratégias interativas com densidade pedagógica.

A reflexão sobre os fundamentos conceituais e o uso de recursos digitais evidencia que inovação não se reduz à adoção de ferramentas. O que confere sentido às metodologias participativas é a articulação entre intencionalidade, criticidade e compromisso ético com o desenvolvimento dos estudantes. Ao criar ambientes sustentados por diálogo e corresponsabilidade, professores contribuem para uma cultura formativa que valoriza autonomia, diversidade e participação consciente.

### **Autonomia Discente, Interatividade e Critérios Avaliativos no Modelo Peer Instruction**

A discussão sobre autonomia discente no uso do Peer Instruction desafia perspectivas tradicionais centradas na transmissão unidirecional de conteúdo. Em espaços mediados por tecnologias, surgem novas formas de negociação de sentidos e de construção compartilhada do conhecimento. Essa mudança evidencia tensões entre a promessa de personalização da aprendizagem e as exigências institucionais de padronização de resultados. Assim, compreender como os estudantes exercem protagonismo torna-se essencial para legitimar práticas pedagógicas ancoradas no diálogo e na corresponsabilidade.

Beck (2018, p. 14) afirma que “as metodologias ativas pressupõem que o aluno participe como sujeito ativo do processo de aprendizagem”. Essa concepção implica reconhecer que autonomia não se consolida apenas pela presença de ferramentas digitais. Pelo contrário, depende de condições materiais e simbólicas que sustentem práticas colaborativas. No contexto do Peer Instruction, isso inclui pactuar critérios avaliativos claros, criar espaços de escuta e legitimar contribuições diversas que possam enriquecer o debate coletivo.

No horizonte online, a interatividade ganha relevância como componente estruturante da

aprendizagem. No entanto, nem sempre sua presença assegura qualidade do engajamento. Quando plataformas são utilizadas de maneira superficial, prevalece uma lógica de respostas imediatas que restringe a reflexão crítica. A valorização de estatísticas de participação pode converter interações em mera formalidade. Por isso, torna-se indispensável desenvolver práticas que articulem tempo de elaboração conceitual e abertura para diferentes ritmos de aprendizagem.

Madeira (2017, p. 2) observa que “o Peer Instruction exige uma mudança profunda na forma de avaliar e mediar os processos de aprendizagem”. Essa perspectiva desloca o foco do produto para o percurso coletivo de construção do saber. Ao incorporar atividades que estimulem argumentação, escuta e negociação de sentidos, a avaliação deixa de ser apenas classificatória. Nessa direção, o docente atua como mediador sensível que legitima incertezas e reconhece aprendizagens que escapam às estatísticas tradicionais.

A consolidação de práticas baseadas no Peer Instruction requer pactos institucionais que deem sustentação às escolhas metodológicas. Quando a inovação ocorre de forma isolada, sem respaldo de políticas pedagógicas mais amplas, corre-se o risco de comprometer sua efetividade. Nesse contexto, definir objetivos claros e critérios transparentes fortalece o engajamento dos estudantes. A confiança mútua torna-se elemento essencial para legitimar processos avaliativos menos centrados na competição e mais comprometidos com o desenvolvimento coletivo.

Beck (2018, p. 19) destaca que “a interatividade perde potência quando desconectada da intencionalidade pedagógica”. Esse alerta evidencia que práticas colaborativas podem reproduzir desigualdades se não forem acompanhadas por mediação crítica. No Peer Instruction, planejar perguntas significativas e orientar discussões torna-se condição para transformar as interações em experiências formativas autênticas. Quando as trocas se reduzem a respostas automáticas, esvazia-se o potencial emancipador do diálogo entre pares.

Nesse cenário, surge a necessidade de pensar a avaliação como processo ético e processual. Critérios construídos coletivamente contribuem para reduzir inseguranças e favorecer a autoria. Avaliar não se limita a atribuir pontuações, mas implica discutir sentidos e objetivos das tarefas.

Ao priorizar a negociação de significados, amplia-se a possibilidade de reconhecer aprendizados situados, muitas vezes invisíveis em instrumentos convencionais. Assim, a cultura avaliativa torna-se mais conectada às trajetórias singulares.

Madeira (2017, p. 3) lembra que “a autonomia não se consolida sem apoio estruturado e pactos institucionais que deem sentido ao uso das tecnologias”. Essa afirmação ressalta que ambientes online demandam clareza sobre responsabilidades partilhadas. Quando critérios avaliativos são opacos ou inconsistentes, surgem desconfiças que desestimulam o engajamento. Para que o Peer Instruction funcione como prática inclusiva, é essencial promover diálogos permanentes que fortaleçam vínculos entre estudantes e docentes.

A personalização da aprendizagem, tão valorizada em contextos digitais, só ganha densidade quando associada à escuta sensível e ao reconhecimento das condições concretas de cada grupo. No Peer Instruction, personalizar não significa isolar trajetórias, mas criar conexões entre diferentes perspectivas. Essa abordagem amplia repertórios e cria oportunidades de negociação de sentidos, estimulando aprendizagens contextualizadas. A mediação docente torna-se, assim, o elo que conecta recursos tecnológicos e práticas humanizadas.

Na interseção entre inovação metodológica e criticidade, reside a possibilidade de transformar o Peer Instruction em estratégia emancipadora. Quando práticas avaliativas dialogam com valores éticos e com a escuta atenta, as tecnologias deixam de ser instrumentos neutros e tornam-se catalisadoras de experiências significativas. Nesse horizonte, autonomia discente e interatividade passam a compor um projeto educativo que reconhece a pluralidade de trajetórias e sustenta a produção coletiva de sentidos.

## **Considerações Finais**

O debate sobre o Peer Instruction em cenários híbridos e online permitiu vislumbrar potenciais de ressignificação das práticas pedagógicas e a emergência de formas mais compartilhadas de produção

do conhecimento. Reconhecer que a mediação docente não se dilui na presença dos recursos digitais, mas antes se torna ainda mais indispensável, é passo essencial para sustentar percursos formativos éticos e inclusivos. Entre a promessa de engajamento e o risco da superficialidade, cada escolha metodológica carrega responsabilidades que extrapolam protocolos de inovação.

O presente estudo tem como objetivo analisar as possibilidades e os limites da aplicação do Peer Instruction no contexto híbrido contemporâneo, considerando implicações pedagógicas, tecnológicas e avaliativas. A pesquisa, de natureza bibliográfica, envolveu levantamento sistemático de artigos científicos, capítulos de livros e ensaios críticos publicados em periódicos especializados e repositórios digitais. Essa seleção priorizou estudos que abordam a integração de recursos interativos, os critérios de validação do conhecimento produzido entre pares e os tensionamentos relacionados à autonomia discente e à cultura de desempenho.

## **Referências Bibliográfica**

Beck, C. (2018). Metodologias ativas: conceito e aplicação. Andragogia Brasil. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodologias-ativas/>. Acessado em: 03 de julho de 2025

Madeira, R. (2017). Aulas colaborativas são foco do Peer Instruction. Disponível em: <https://posts.desafiosdaeducacao.com.br/aulas-colaborativas-sao-foco-peer-instruction/>. Acessado em: 03 de julho de 2025

Mazur, E. (2015). Peer instruction: a revolução da aprendizagem ativa. Porto Alegre: Penso.

Munhoz, A. S. (2019). Aprendizagem ativa via tecnologias. Curitiba: InterSaberes.